



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição 11 matérias

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, sexta-feira, 4 de março de 2011

O ESTADO DE SÃO PAULO BNDES deve injetar R\$ 145 bi na economia..... VEICULAÇÃO NACIONAL	1
FOLHA DE SÃO PAULO Efeito "negativo" de importados atinge recorde VEICULAÇÃO NACIONAL	2
JORNAL DO BRASIL Anna Ramalho VEICULAÇÃO NACIONAL	3
VALOR ECONÔMICO REAL FORTE FAZ DO BRASIL A CHINA DA FLÓRIDA VEICULAÇÃO NACIONAL	4
O GLOBO O PIB de 7,5% em 2010..... VEICULAÇÃO NACIONAL	6
O GLOBO Empresários alertam para desindustrialização VEICULAÇÃO NACIONAL	8
VALOR ONLINE Economistas pedem medidas nos campos monetário e fiscal VEICULAÇÃO NACIONAL	9
VALOR Investimento publicitário em Lula sai barato, avaliam agências VEICULAÇÃO NACIONAL	10
COMEX DO BRASIL Ministro Patriota reconhece que subvalorização da moeda chinesa prejudica comércio com o Brasil VEICULAÇÃO NACIONAL	11
COMEX DO BRASIL Patriota reconhece dificuldades nas relações entre Brasil e China VEICULAÇÃO NACIONAL	12
JORNAL ELETRÔNICO MPF/RO faz vistoria na Suframa em Guajará-Mirim e constata precariedade no atendimento VEICULAÇÃO NACIONAL	13

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO BNDES deve injetar R\$ 145 bi na economia		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Governo repassa mais R\$ 55 bilhões ao BNDES

Banco deve despejar R\$ 145 bilhões para financiar empresas; desse total, R\$ 75 bilhões serão usados para financiar a produção de bens de capital

O Tesouro Nacional vai injetar mais R\$ 55 bilhões no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), conforme antecipou o "Estado". Os recursos serão usados para reforçar as linhas de financiamento do Programa de Sustentação do Investimento (PSI), criado para estimular a venda de bens de capital e a inovação no País.

Ontem, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, anunciou que o PSI será prorrogado até o fim do ano e terá orçamento total de R\$ 75 bilhões. O restante será do próprio BNDES. O programa, que foi estendido pela terceira vez, terminaria no fim deste mês. Com a prorrogação, as linhas de financiamento foram reformuladas e as taxas de juros serão elevadas a partir de abril.

As grandes empresas sofrerão mais com o aumento do custo do financiamento. Ainda assim os juros continuarão muito mais atrativos que os do sistema financeiro. Algumas linhas do programa têm taxas reais negativas.

Mantega disse que o BNDES deve despejar R\$ 145 bilhões (incluindo o PSI) este ano na economia em forma de financiamento às empresas. Esse dinheiro vai turbinar o setor de crédito, no momento em que o Banco Central elevou a taxa Selic para conter o consumo e diminuir a pressão inflacionária.

O ministro, porém, rechaçou qualquer ligação entre os recursos disponibilizados pelo banco e o aumento da inflação. "O BNDES não pressiona a inflação, (...) O problema inflacionário é do lado do consumo e não do investimento." O desembolso previsto para este ano é praticamente o mesmo

de 2010, se excluída a operação de capitalização da Petrobrás, de R\$ 24,7 bilhões.

Mantega acredita que o aumento dos investimentos acima do PIB é importante para garantir um crescimento sustentado. Para ele, não há contradições, como o mercado apontou, entre o aporte de R\$ 55 bilhões do Tesouro ao BNDES e o corte de R\$ 50 bilhões no Orçamento da União em 2011. "Uma coisa é gasto e a outra é financiamento de investimentos. Não estamos fazendo aquele corte tradicional que cortava tudo e fazia terra arrasada."

Em 2009 e 2010, o Tesouro transferiu R\$ 205 bilhões ao BNDES, o que aumentou a dívida em títulos públicos. Segundo Mantega, se o repasse fosse suprimido este ano, haveria queda nos investimentos porque o setor privado ainda não tem condições de financiar a longo prazo. "Estamos em uma fase de transição para que setor privado possa arcar com uma fatia maior dos financiamentos de investimentos." Ele disse que o Tesouro ainda terá de fazer novo aporte em 2012, mas em valores menores."

Para obter os R\$ 55 bilhões, o Tesouro terá de emitir títulos públicos, assim como fez nos dois últimos anos. Na outra ponta, equalizará a diferença entre o custo de captação do BNDES e a taxa cobrada do tomador do empréstimo. A estimativa é que os R\$ 75 bilhões anunciados ontem custem R\$ 4,1 bilhões aos cofres do Tesouro. O valor total chega a R\$ 34 bilhões, incluindo os R\$ 134 bilhões já disponibilizados desde julho de 2009, quando o programa foi criado. / RENATA VERÍSSIMO, ADRIANA FERNANDES e EDUARDO RODRIGUES

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Efeito "negativo" de importados atinge recorde		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

DE SÃO PAULO

O volume de importações teve crescimento recorde de 36,2% em 2010, mais do que o triplo da expansão de 11,5% das exportações.

O resultado foi que o setor externo subtraiu 2,8 pontos percentuais do crescimento do PIB.

Essa "contribuição negativa" do setor externo para a economia é a maior da série histórica, iniciada em 1996. Significa que o país "exportou" crescimento a um ritmo recorde para as nações que abastecem o mercado interno com importações.

Como a produção doméstica não foi capaz de atender a demanda dos consumidores, a lacuna criada teve de ser suprida por importações. E o Brasil acabou contribuindo para o crescimento da produção em outros países.

Mas, não fosse o crescimento das importações, a inflação -que começou a ganhar ímpeto em 2010- poderia ter sido ainda mais alta, levando o Banco Central a promover um forte aperto monetário.

Isso poderia ter provocado uma significativa desaceleração econômica.

Para Fernando Montero, economista-chefe da corretora Convenção, com o crescimento mais fraco do Brasil e mais robusto do mundo desenvolvido em 2011, a dinâmica do setor externo será mais favorável à expansão do PIB.

Mas, ressalta o economista, a contribuição do setor externo para o PIB ainda será negativa. (EF)

	VEÍCULO JORNAL DO BRASIL		EDITORIA
	TÍTULO Anna Ramalho		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Força na Zona

O secretário-executivo do Ministério do **Desenvolvimento**, Alessandro Teixeira, disse na **Suframa** que o governo da presidente Dilma quer a **Zona Franca** de **Manaus** cada vez mais inserida e fortalecida nas discussões sobre a indústria nacional e no novo Plano Nacional de **Desenvolvimento**, que o ministério prepara para apresentar em 60 dias.

Alianças

Alessandro Teixeira elogiou a gestão da **Superintendente** Flávia **Flávia Grosso**, pela capacidade técnica no comando da autarquia. E salientou que estava ali também para reiterar o compromisso de Dilma com a Amazônia.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO		EDITORIA
	TÍTULO REAL FORTE FAZ DO <u>BRASIL</u> A CHINA DA FLÓRIDA		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Alex Ribeiro | De Washington

O real valorizado está ajudando a Flórida, um dos estados americanos mais afetados pela atual crise imobiliária, a reanimar a sua economia e atenuar a alta taxa de desemprego. Os embarques feitos pelo distrito alfandegário de Miami para o Brasil cresceram 24% em 2010, e o governo do estado resolveu reabrir o seu escritório de promoção comercial em São Paulo há algumas semanas.

"O Brasil é a China da Flórida", afirma Manny Mencia, vice-presidente do Enterprise Florida, a agência de promoção comercial do estado. "Para a Flórida, não existe nenhum mercado no mundo com tanto potencial."

Em 2010, o superávit do distrito alfandegário de Miami no comércio com o Brasil chegou a quase US\$ 10,5 bilhões, segundo análise de dados oficiais dos EUA feita pela WorldCity, empresa que agrega dados comerciais, a pedido do Valor. Miami vendeu US\$ 11,9 bilhões ao Brasil e importou US\$ 1,5 bilhão. O déficit do Brasil com Miami é maior do que o com os EUA como um todo, que chegou a US\$ 7,732 bilhões em 2010.

"As exportações ao Brasil cresceram bastante porque o real está valorizado", afirma o advogado americano Thomas Skola, diretor da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos da Flórida.

Há pelo menos duas décadas o Brasil é o principal parceiro da Flórida, com corrente comercial de US\$ 13,4 bilhões em 2010, segundo dados do distrito alfandegário de Miami. "Outros países da América Latina estão ajudando a puxar a economia da Flórida, mas não com o grau do Brasil", afirma Skola. A Colômbia é o segundo país da região mais importante para a Flórida, com uma corrente de comércio de US\$ 6,9 bilhões, seguido da Venezuela, com US\$ 4,8 bilhões, e Costa Rica, com US\$ 4,7 bilhões.

A presença de brasileiros é forte não apenas no comércio exterior, mas também no mercado imobiliário, turismo, educação e agências bancárias de Miami especializadas em administrar fortunas de milionários latino-americanos. "Embora não haja estatísticas disponíveis, as indicações são de que o Brasil está ajudando a movimentar o

setor de serviços, que é o mais importante da Flórida em termos de geração de emprego", disse Stephen Morrell, professor de economia e finanças da Andreas School of Business da Barry University, em Miami. "Tenho vários alunos brasileiros em minha sala de aula."

A Flórida sofre mais nessa crise econômica pois é um dos estados em que a bolha imobiliária foi mais longe, devido à febre de construção de casas de veraneio. Hoje, sua taxa de desemprego é de 12%, quase o triplo de antes da crise e menor só que Nevada e Califórnia.

As exportações da Flórida ao Brasil não ficaram imunes à recente crise econômica mundial e caíram 9% em 2009, quando comparadas a 2008. Foi nessa época que, em virtude da crise fiscal que afetou vários Estados americanos, o Enterprise Florida fechou cinco escritórios de promoção comercial, incluindo o de São Paulo.

Desde então, o comércio com o Brasil mais que se recuperou, e hoje os embarques já são 12% maiores que os de 2008. "A América Latina, e em especial o Brasil, foi uma das regiões do mundo que menos sofreram com a crise", afirma Saulo Ferraz, presidente da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos da Flórida. "A Flórida colocou no Brasil, um antigo parceiro comercial, para aproveitar essa onda."

O principal item de exportação para o Brasil, com quase US\$ 3 bilhões, são peças para aviões. Em parte essas vendas se devem à presença da Embraer na Flórida, com operações em Fort Lauderdale e uma fábrica de jatos executivos em Melbourne. A empresa compra peças para serem usadas nas linhas de montagem em sua sede em São José dos Campos (SP). Mas empresas americanas também fornecem para empresas de aviação comercial e para a frota de jatos executivos do Brasil. Computadores, componentes eletrônicos e equipamentos médicos e hospitalares são outros itens importantes na pauta de exportações.

"A Flórida tem crescido como um polo de tecnologia", disse o professor Morrell.

O Brasil é também um grande exportador de aviões à Flórida, graças também à presença da Embraer no estado. A crise econômica, porém, fez com que as empresas aéreas e clientes de jatos executivos cortassem encomendas,

provocando uma queda nos embarques de aviões, de US\$ 1,6 bilhão para US\$ 400 milhões, entre 2008 e 2009.

A grande questão para a Flórida é qual será o fôlego desse surto comercial com o Brasil, que está ligado sobretudo à valorização do real. Os dados históricos mostram que, quando o real se valorizou, como o período 2006 a 2007, a Flórida vendeu mais ao Brasil, enquanto os embarques caíram nas desvalorizações da moeda brasileira, como as ocorridas em 2002 e 2003.

Mencia, do Florida Enterprise, afirma que, apesar das flutuações ligadas ao câmbio, há uma tendência de

crescimento do comércio no longo prazo. Ferraz, da Câmara de Comércio, lembra que não foi só o real que se valorizou, mas também há a desvalorização do dólar no mundo todo, em harmonia com a política do governo Barack Obama de dobrar as exportações nos próximos cinco anos. "As exportações terão um papel importante para o crescimento e desenvolvimento econômico dos Estados Unidos de forma geral e da Flórida em particular", afirma Morrell, da Barry University.

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO O PIB de 7,5% em 2010		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Após encolher 0,6% em 2009, a economia brasileira cresceu 7,5% em 2010, a maior alta desde 1986, ano do Plano Cruzado, informou ontem o IBGE. A presidente Dilma disse que "o PIB foi bom", mas ressaltou que o governo não acredita que o percentual irá se repetir nos próximos anos. "Vamos procurar uma taxa razoável de crescimento, de 4,5% a 5%, que seja sustentável." Segundo economistas, o aumento de gastos no governo Lula, em ano eleitoral, e o consumo recorde fizeram o Brasil crescer acima do sustentável, pressionando a inflação e os juros. Para o FMI, há risco de superaquecimento e é hora de desacelerar.

Sinais de alerta no Pibão

EXCESSO DE VELOCIDADE

Alta de 7,5% em 2010 foi a maior desde 1986, mas carga ameaça de inflação. Dilma espera freio

Cássia Almeida, Henrique Gomes Batista e Clarice Spitz

A economia brasileira em 2010 cresceu tanto quanto em 1986, ano do Plano Cruzado, de acordo com os números apresentados ontem pelo IBGE. A expansão de 7,5% veio depois de uma recessão de 0,6% em 2009, reflexo da crise mundial. Com essa alta recorde, o Produto Interno Bruto (PIB, conjunto de bens e serviços produzidos no país) ficou em R\$3,675 trilhões e fez o PIB per capita subir 6,5%, na maior alta desde 1980, quando avançara 6,8%, alcançando R\$19.016. O corte de impostos herdados de 2009 no primeiro trimestre de 2010 e o mercado de trabalho, no seu melhor momento depois da estabilização, explicam essa expansão recorde. Emprego e renda em alta aumentaram o poder de compra da população, que consumiu como nunca. A alta dos gastos das famílias, um dos componentes mais importantes do PIB, foi de 7%, a maior desde 1986.

Mas o recorde de 2010 traz preocupações com 2011. A principal delas é a inflação. A própria presidente Dilma Rousseff afirmou ontem que uma taxa razoável de crescimento para o Brasil seria de 4,5% a 5%.

Para trazer mais incerteza ao cenário de inflação, os números do último trimestre, contrariando a previsão dos

analistas, mostraram uma aceleração no consumo das famílias para 2,5% frente ao período anterior. O PIB avançou só 0,7% nesta comparação. O economista-chefe da GAP Asset Management, Alexandre Maia, lembra que este 0,7% significa um ritmo anualizado de 2,8%, abaixo portanto do que seria o PIB potencial do país (entre 4% e 4,5% segundo os analistas).

- Os números trazem interpretações ambíguas. Ao mesmo tempo que o PIB está num ritmo abaixo do potencial, o consumo das famílias está avançando 10,4% (a taxa anualizada). A demanda está muito robusta, sem grandes sinais de arrefecimento, e sendo suprida por importações - afirma - A inflação está muito, muito longe de ser somente um problema de commodities como acredita o governo. Quando se cristaliza um novo patamar de inflação, é muito mais difícil combater a alta de preços.

Demanda interna subiu mais de 10%

As importações foram o caminho para suprir a alta da demanda interna. As compras do exterior avançaram 36,2% em 2010. Se fosse considerado apenas o consumo doméstico, o PIB brasileiro teria crescido num patamar de dois dígitos: 10,3%. O economista Antônio Corrêa de Lacerda, da PUC-SP faz um alerta do risco contrário: de que o governo esfrie demais a economia.

- Já havia uma desaceleração antes das medidas restritivas ao crédito, tomadas em dezembro, e da elevação dos juros neste ano. Se esfriar demais, acaba o incentivo ao crescimento dos investimentos.

Fernando Monteiro, economista-chefe da Convenção Corretora, acredita que 2011 será um ano de ajustes. Além do esperado crescimento menor, segundo ele inferior a 4%, será importante ampliar os investimentos e calibrar a demanda para 2012.

Mas, se o fôlego do consumo das famílias surpreendeu no último trimestre, a perda de vigor dos investimentos foi o lado negativo. Após avançar 4% no terceiro trimestre, a chamada formação bruta de capital fixo (investimentos de empresas e a construção civil) cresceu só 0,7% no final do ano.

- E a taxa de poupança de 16,5% (em relação ao PIB) está num patamar preocupante. Numa perspectiva de longo prazo, reflete uma economia focada no consumo - afirmou Armando Castelar, economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O crescimento forte de 2010 vai ser seguido por uma expansão este ano mais tímida, entre 3,5% e 4% segundo as projeções, pagando a conta de alta acima da capacidade produtiva em 2010. A estatística vai ajudar pouco. Como a economia pisou no freio no final do ano passado, o país começará 2011 num ritmo mais lento. Com isso, o crescimento de 2010 ajudará com apenas um ponto percentual na expansão deste ano. Em 2010, esta contribuição - chamada de carregamento estatístico - fora de 3,7 pontos percentuais.

Ainda impulsionado pelos incentivos fiscais no primeiro trimestre, a economia teve comportamentos bem marcados a cada semestre. O primeiro foi mais forte, com alta de 9,2%,

com o crescimento baixando para 5,9% na segunda metade do ano. No primeiro trimestre, a alta fora de 2,2%, caindo para 0,7% no último trimestre.

- O primeiro trimestre ainda vivia a política associada à crise de 2008. Com a retomada da estabilidade, o país volta a ter um crescimento dentro dos padrões desejados, uma desaceleração típica de ano eleitoral - afirmou Roberto Olindo, coordenador de Contas Nacionais do IBGE.

Dentre os componentes da **produção** do PIB, todos fecharam o ano com taxas positivas. A indústria avançou 10,1%, na maior alta desde 1986. Mas caiu 0,3% no último trimestre.

- Os serviços são o destaque. Especialmente por causa da intermediação financeira, responsável pela expansão do crédito - afirmou o professor da PUC Luiz Roberto Cunha.

COLABOROU Fabiana Ribeiro

	VEÍCULO O GLOBO		EDITORIA
	TÍTULO Empresários alertam para des<u>Distrito Pólo Industrialização</u>		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Entidades industriais dizem que setor não deve avançar mais do que 3% este ano

Karina Lignelli e Lino Rodrigues

SÃO PAULO. Após puxar o avanço do PIB em 2010, a indústria deve patinar em 2011. Pelas projeções de entidades como Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Instituto de Estudos para o **Desenvolvimento Distrito Pólo Industrial** (Iedi) e Confederação Nacional da Indústria (CNI), o setor deve avançar não mais que 3%, fato considerado "lastimável" pelos empresários.

- O PIB **Distrito Pólo Industrial** fechou 2010 com alta de 10,1%. Mas os resultados anualizados escondem a fraca performance do último trimestre do ano passado, que teve retração de 0,3% (sobre o terceiro trimestre) - apontou Paulo Skaf, presidente da Fiesp.

Skaf lembra que o baixo desempenho da atividade econômica nos primeiros meses de 2011 é resultado das medidas de contenção do crédito tomadas pelo governo em dezembro e janeiro. Além disso, a alta dos juros, que já contabiliza um ponto percentual em 2011, poderá agravar ainda mais a situação das empresas e da economia.

- É provável que o PIB nacional em 2011 fique entre 3% e 4%. E o crescimento **Distrito Pólo Industrial** pode estagnar entre 2% e 3%. Isso é lastimável - observou Skaf.

Mais moderada, a CNI afirmou que a forte alta da atividade **Distrito Pólo Industrial** - de 10,1% em 2010 - é motivo de comemoração, mas a retração no segundo semestre funciona como mais um fator de preocupação para este ano.

Mesmo considerando 7,5% bom para um "crescimento desejável e esperado", o economista-chefe do Iedi, Rogério César de Souza enfatiza que em 2011 "não é a indústria que vai puxar o PIB". Para ele, a desaceleração é motivada pelas importações e pela dificuldade exportar devido ao câmbio.

As duas principais centrais sindicais do país, CUT e Força Sindical, comemoraram o crescimento do PIB em 2010, mas avaliaram que a alta poderia ter sido maior se a alta de juros não fosse o único instrumento de política monetária do governo. Juros altos, segundo as centrais, inibem investimentos e emperram a distribuição de renda.

	VEÍCULO VALOR ONLINE		EDITORIA
	TÍTULO Economistas pedem medidas nos campos monetário e fiscal		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Chico Santos | Do Rio

O esforço para conter a demanda acelerada será mais eficaz se o governo realmente aliar as políticas monetária e fiscal, dizem os economistas. Alcides Leite, professor da Trevisan Escola de Negócios, avalia que "o investimento [dos últimos trimestres] foi insuficiente para evitar pressões inflacionárias". Ele considera que o caminho para alavancar os investimentos de modo a dar sustentação a um crescimento forte e duradouro seria o governo fazer um esforço prolongado para conter os gastos correntes e aumentar os investimentos públicos, de modo a gerar um clima de confiança para aumentar também o investimento privado.

Para Leite, se a presidente Dilma Rousseff fraquejar no esforço fiscal dará a vitória à corrente governista que considera esse esforço dispensável para manter o crescimento econômico.

Para Leonardo Carvalho, pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o consumo forte já havia alertado o Banco Central (BC), que desde dezembro do ano passado vinha agindo para reduzir a disponibilidade de crédito, um dos impulsionadores do ciclo de consumo elevado, juntamente com o aumento da massa salarial.

Carvalho entende que a elevação de 0,5 ponto percentual na taxa de juros definida anteontem pelo BC é compatível com o quadro da economia expresso pelo desempenho do Produto Interno Bruto (PIB). Para o técnico do Ipea, as medidas de restrição ao crédito têm efeito mais rápido do que elevação dos juros, que leva de seis a nove meses para mostrar resultados no comportamento da demanda.

Para Rogério Sobreira, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o número agregado do PIB de 2010 esconde um processo de desaceleração ao longo do período. Ele alerta também que o número de 21,8% de crescimento da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) "parece bom, mas está

longe de indicar que o país resolveu o desafio do investimento".

Sobreira prevê desempenho bem mais modesto da FBCF neste e no próximo ano, não só porque a poupança doméstica segue sendo muito baixa (16,5% em 2010) como também porque o custo de capital no Brasil segue sendo proibitivo. Para ele, a maioria confortável que a presidente Dilma Rousseff dispõe no Congresso Nacional torna o atual momento propício para que o governo tome a iniciativa de atacar as estruturas tributária e fiscal, fontes de encarecimento dos recursos para investimentos, ao mesmo tempo que segue atuando no curto prazo com as políticas fiscal e monetária para manter o crescimento sem risco inflacionário.

Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do BC, acredita que o consumo vai seguir crescendo, mesmo que em ritmo menor, porque a massa real de salários está se elevando com o aumento do número de empregos e há crédito disponível para a população. "A situação econômica atual permite que você tenha o consumo das famílias desacelerando, mas ainda crescendo", avalia, incluindo o programa Bolsa Família e o dólar barato como outros fatores favoráveis.

Freitas entende que "o voo de galinha" acabou e que os investimentos, mesmo com oscilações sazonais como a do quarto trimestre de 2010, vão seguir crescendo, porque o empresário "sabe que vai haver demanda". "O Brasil tem espaço para o crescimento do consumo, assim como a China e a Índia", concluiu dizendo que o "o pibão (expressão usada pela presidente Dilma) virá acompanhado por um PIB menor, mas ainda sustentável".

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO Investimento publicitário em <u>Lula</u> sai barato, avaliam agências		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Ana Paula Grabois e Adriana Mattos | De São Paulo

Saiu barato para o grupo coreano LG os R\$ 200 mil pagos ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva para a sua primeira palestra após deixar o cargo. Fabricante de televisões, celulares, computadores e eletrodomésticos, o grupo contratou Lula para falar na quarta-feira sobre a economia brasileira a clientes do setor de varejo em um centro de convenções de São Paulo.

Lula e a LG foram notícia e apareceram em jornais, sites, TVs e rádios de todo o país. Somente para se ter uma ideia da economia em publicidade, a exposição por 30 segundos no intervalo do "Jornal Nacional", da TV Globo, foi de R\$ 570 mil por 3 inserções semanais em 2010, de acordo com um anunciante ouvido pelo Valor.

A LG disputa mercado com a Samsung, um dos principais anunciantes do Big Brother Brasil (BBB) 11. No contrato de merchandising, a Samsung paga de R\$ 1,2 milhão a R\$ 1,4 milhão por três a quatro inserções semanais.

No meio publicitário, a estratégia foi considerada uma boa sacada. "Quem dera ter pensado nisso antes", comentou o presidente de uma agência paulista. "Eles conseguiram atrair uma simpatia generalizada em relação à marca e por um valor irrisório. Conseguiram o destaque e ainda geraram um "buzz" altíssimo", afirmou Eduardo Tomiya, sócio diretor da

BrandAnalytics. Na linguagem dos executivos de marketing, buzz é o barulho criado em torno de uma ação na mídia.

"Quem faz isso [expor a marca ao lado de uma figura pública], o faz intencionalmente, dentro de um planejamento claro. E não precisa se preocupar em manter, nos meses seguintes, esse barulho gerado com a ação. É tão barato que já foi obtido retorno imediato."

O grupo LG é um dos líderes no mercado nacional das televisões de LCD, produto símbolo da nova classe média ascendente da era Lula. Somente em 2010, o faturamento do grupo aumentou 30% no país. Para este ano, o plano é expandir as vendas em 40% com faturamento previsto de R\$ 7 bilhões.

O investimento de 2011 deve alcançar US\$ 315 milhões em três novas fábricas. Duas serão na **Zona Franca de Manaus**, de painéis para TVs e de aparelhos de ar-condicionado. Em Paulínia (SP), a LG vai construir uma fábrica de eletrodomésticos de linha branca, como geladeiras e máquinas de lavar. Desde 1995 no Brasil, a companhia possui uma planta em **Manaus** e outras duas em Taubaté (SP).

	VEÍCULO COMEX DO BRASIL		EDITORIA
	TÍTULO Ministro Patriota reconhece que subvalorização da moeda chinesa prejudica comércio com o Brasil		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Agência Brasil

Brasília – O ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, reconheceu hoje (4) que há dificuldades nas relações entre Brasil e China em decorrência da baixa cotação da moeda que afeta as negociações comerciais entre os dois países. No entanto, o chanceler disse que há “mecanismos apropriados para as discutir”. Patriota está em Pequim onde organiza a visita da presidenta Dilma Rousseff que irá à China em abril.

“Reconhecemos que possa haver algumas dificuldades devido à taxa de câmbio [do yuan], mas os dois países têm os mecanismos apropriados para as discutir e não querem perder de vista o conjunto das relações”, afirmou Patriota. As informações são da agência pública de Portugal, Lusa.

Para empresários brasileiros, o yuan está “artificialmente subavaliado” para favorecer as exportações chinesas. “O Brasil deseja diversificar as exportações para a China e atrair investimento chinês para áreas produtivas e importantes infraestruturas”, disse Patriota.

A China é o maior parceiro comercial do Brasil, com intercâmbio de US\$ 56 bilhões em 2010, representando um crescimento de 55,1% em relação a 2009. O saldo comercial é favorável ao Brasil, tendo alcançado mais de US\$ 5 bilhões no ano passado. Em 2010, a China foi o maior investidor estrangeiro no Brasil.

Em entrevista coletiva concedida hoje, Patriota afirmou que Brasil e China “têm uma verdadeira parceria estratégica” e que “ambos os governos desejam promover as relações em um nível mais alto”. Por dois dias, o chanceler se reuniu com o ministros das Relações Exteriores da China, Yang Jiechi, e do Comércio, Chen Deming, além do primeiro-ministro, Wen Jiabao. Segundo Patriota, tanto o governo da China quanto do Brasil “querem ampliar as relações bilaterais”.

A visita de Dilma à China está marcada para os dias 13, 14 e 15 de abril. Há previsão de reuniões com o presidente da China, Hu Jintao, ministros e executivos chineses. A principal questão a ser abordada deve ser a queixa dos empresários brasileiros, que reclamam do baixo preço dos produtos chineses que chegam ao Brasil.

Também há negociações para mais parcerias nas áreas de minério de ferro e aço do Brasil para a China. Nos três dias em que estiver no país asiático, Dilma participará também de uma reunião com os líderes da Índia, Rússia, além da África do Sul, que passará a integrar oficialmente o bloco do Bric.

	VEÍCULO COMEX DO BRASIL		EDITORIA
	TÍTULO Patriota reconhece dificuldades nas relações entre <u>Brasil</u> e China		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Agência Brasil

04/03/2011 10:08

BRASÍLIA – O ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, reconheceu hoje que há dificuldades nas relações entre Brasil e China em decorrência da baixa cotação da moeda que afeta as negociações comerciais entre os dois países. No entanto, o chanceler disse que há “mecanismos apropriados para as discutir”. Patriota está em Pequim onde organiza a visita da presidente Dilma Rousseff que irá à China em abril.

“Reconhecemos que possa haver algumas dificuldades devido à taxa de câmbio [do yuan], mas os dois países têm os mecanismos apropriados para as discutir e não querem perder de vista o conjunto das relações”, afirmou Patriota. As informações são da agência pública de Portugal, Lusa.

Para empresários brasileiros, o yuan está “artificialmente subavaliado” para favorecer as exportações chinesas. “O Brasil deseja diversificar as exportações para a China e atrair investimento chinês para áreas produtivas e importantes infraestruturas”, disse Patriota.

A China é o maior parceiro comercial do Brasil, com intercâmbio de US\$ 56 bilhões em 2010, representando um crescimento de 55,1% em relação a 2009. O saldo comercial é favorável ao Brasil, tendo alcançado mais de US\$ 5 bilhões no ano passado. Em 2010, a China foi o maior investidor estrangeiro no Brasil.

Em entrevista coletiva concedida hoje, Patriota afirmou que Brasil e China “têm uma verdadeira parceria estratégica” e que “ambos os governos desejam promover as relações em um nível mais alto”. Por dois dias, o chanceler se reuniu com o ministros das Relações Exteriores da China, Yang Jiechi, e do Comércio, Chen Deming, além do primeiro-ministro, Wen Jiabao. Segundo Patriota, tanto o governo da China quanto do Brasil “querem ampliar as relações bilaterais”.

A visita de Dilma à China está marcada para os dias 13, 14 e 15 de abril. Há previsão de reuniões com o presidente da China, Hu Jintao, ministros e executivos chineses. A principal questão a ser abordada deve ser a queixa dos empresários brasileiros, que reclamam do baixo preço dos produtos chineses que chegam ao Brasil.

Também há negociações para mais parcerias nas áreas de minério de ferro e aço do Brasil para a China. Nos três dias em que estiver no país asiático, Dilma participará também de uma reunião com os líderes da Índia, Rússia, além da África do Sul, que passará a integrar oficialmente o bloco do Bric.

(Agência Brasil)

	VEÍCULO JORNAL ELETRÔNICO		EDITORIA
	TÍTULO MPF/RO faz vistoria na <u>Suframa</u> em Guajará-Mirim e constata precariedade no atendimento		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Caminhoneiros denunciaram tratamento indigno

O Ministério Público Governo Federal em Rondônia (MPF/RO) adotará medidas contra a situação precária de atendimento aos usuários na unidade da Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus) localizada em Guajará-Mirim. Em inspeção ao local, a equipe do MPF/RO constatou diversas irregularidades que desrespeitam o Código de Defesa do Consumidor.

A vistoria foi motivada por uma carta enviada ao MPF/RO, na qual caminhoneiros relataram a demora no atendimento, ausência de banheiros, bebedouros, entre outras precariedades. Todas as irregularidades apontadas foram vistas pela procuradora da República Lucyana Pepe.

“A nossa situação é humilhante”, reclamou um usuário, relatando que acesso à água e banheiro só ocorre se for em um estabelecimento comercial próximo à Suframa, mediante pagamento. Sem cadeiras ou bancos suficientes, a espera pelo atendimento é feita em pé. “A fila é organizada por nós mesmos”, disse. Caminhoneiros que estavam no local durante a inspeção informaram que o tempo médio de espera no atendimento é de dois dias. Nesta época de movimento fraco, a espera está reduzida a um dia.

O pátio da Suframa de Guajará-Mirim é pequeno para a quantidade de caminhões que frequentam diariamente o local, sendo necessário que muitos aguardem nas ruas laterais. “Somos obrigados a ficar na rua e depois ainda somos multados”, reclamou outro caminhoneiro. Ele também enfatizou que, quando a espera pelo atendimento passa de

um dia para o outro, há um risco maior. “Dormimos dentro dos caminhões, nestas ruas laterais, e alguns caminhoneiros já foram assaltados por causa disto”, afirmou. Os acessos à Suframa não são pavimentados nem adequados ao tráfego intenso de carretas. Com isto, as ruas de terra possuem grandes buracos feitos pelos caminhões. Em época de chuva intensa, os caminhões atolam nas poças d'água.

A diretora da Suframa de Guajará-Mirim, Arlete de Oliveira Queiroz, informou que a unidade funciona naquele local há 14 anos, em terreno cedido pela Conab, e que impasses na compra da área têm impossibilitado as melhorias necessárias. Ela também argumentou que não há verba para a reforma do banheiro e que a compra de bebedouros está em fase de licitação, não sabendo informar quando vão estar disponíveis. Sobre a demora no atendimento, ela apresentou dois motivos: problemas no acesso à Internet e a ausência de cadastro prévio dos caminhoneiros no sistema da Suframa.

A procuradora da República Lucyana Pepe adotará providências imediatas para que a Suframa adeque o atendimento. “Todo órgão público tem obrigação de ofertar água, local para espera do atendimento e banheiro a seus usuários. É o mínimo necessário à dignidade humana”, argumentou.

Fonte: MPF/RO (www.prro.mpf.gov.br)